Estudos
de
Reconstrucção
sobre o
Castello
de
Leiria
vinte e tres paginas
de desenhos com breve des-
cripção historica
por
ERNESTO
KORRODI

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO

SOBRE O

CASTELLO DE LEIRIA

Esta edição consta de

200 exemplares

numerados e rubricados pelo auctor

N.º 46

E Korrodi

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO

SOBRE O

CASTELLO DE LEIRIA

Reconstituição graphica de um notavel exemplo de construcção
civil e militar portugueza

26 estampas de reproducções photolythographicas dos desenhos originaes, comprehendendo plantas, córtes
perspectivas e detalhes com numerosos desenhos no texto

POR

ERNESTO KORRODI

*Professor de ensino technico artistico ao serviço do Governo Portuguez, formado pela Escola de Arte Industrial
de Zurich, Socio da Real Associação
dos Architectos e Archeologos e da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes*

ZURICH. INSTITUTO POLYGRAPHICO

1898

PREFACIO

Dos castellos portuguezes, cujo estado de conservação ainda permitte que sirvam de objecto de estudo, sob o ponto de vista artistico, é incontestavelmente o de Leiria um dos mais interessantes.

No seu importante conjuncto de fortaleza, habitação e capella, constitue elle ainda hoje, apezar de muito arruinado, um frisante documento de architectura medieval e deixa-nos, embora vagamente, adivinhar o que seriam a vida e os costumes dos primitivos habitantes d'aquella esplendida residencia. A parte mais interessante da ruina, o antigo palacio real, é dos poucos elementos que ainda restam no paiz de construcção civil gothica, talvez o mais caracteristico representante da habitação nobre portugueza da edade média. Embora despido de todo o adorno, a imponencia pouco vulgar das suas linhas geraes, os restos de columnatas, portas e chaminés, o esburacado das paredes signal visivel de ricos tectos de madeira, são tudo testemunhas eloquentes do seu primitivo esplendor.

É preciso ser artista para saber lamentar em toda a sua extensão a perda de tão valioso monumento, o qual, conservado intacto, como o seculo XIV nol-o deixou, seria um capitulo completo da historia da arte portugueza.

Frei Antonio Brandão, referindo-se ao castello de Leiria, diz: «que vae sentindo os damnos do tempo», e censura «o descuido de quem deixa ir perdendo tão nobre antiqualha que se poderia conservar com bem pouco custo».

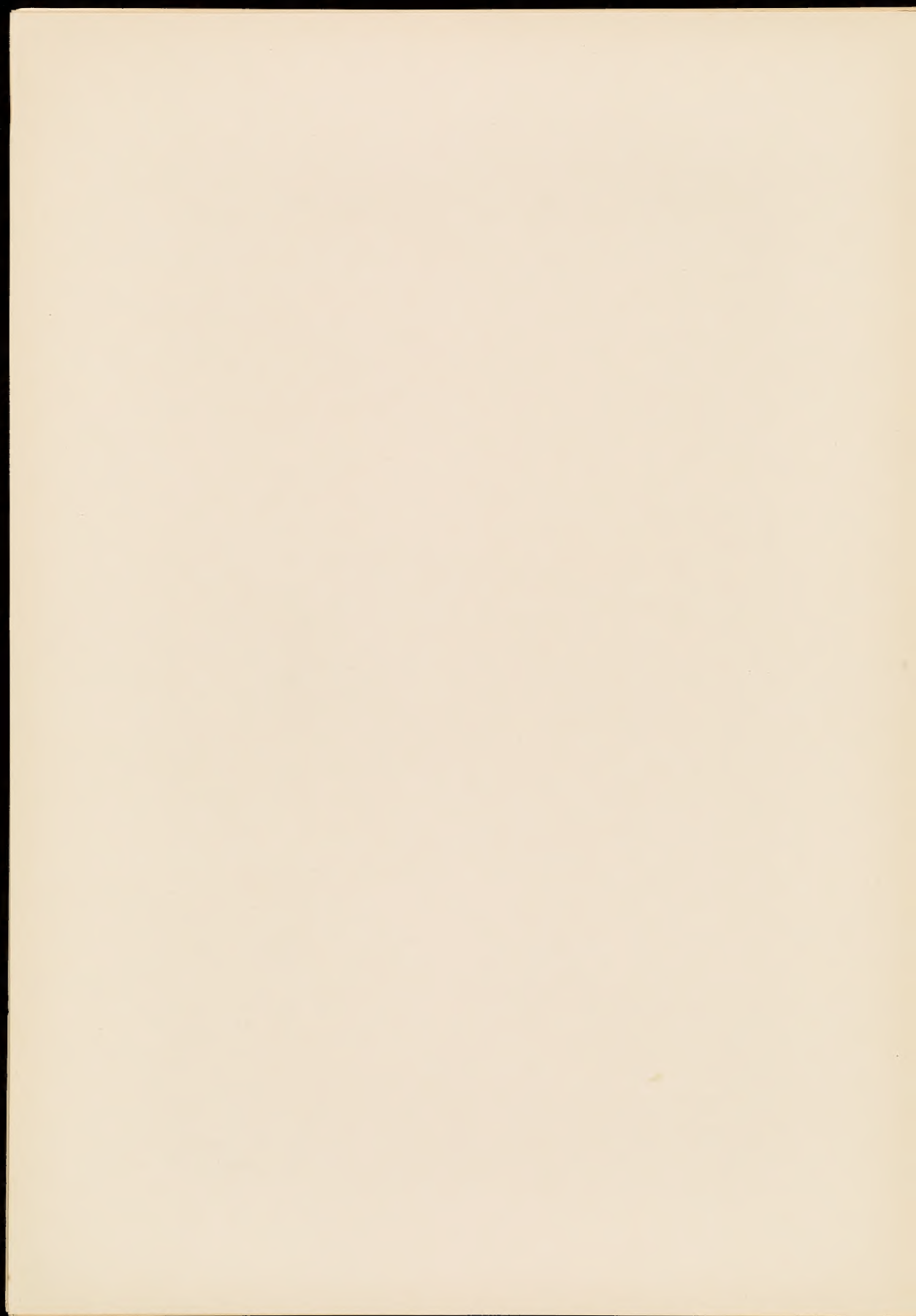
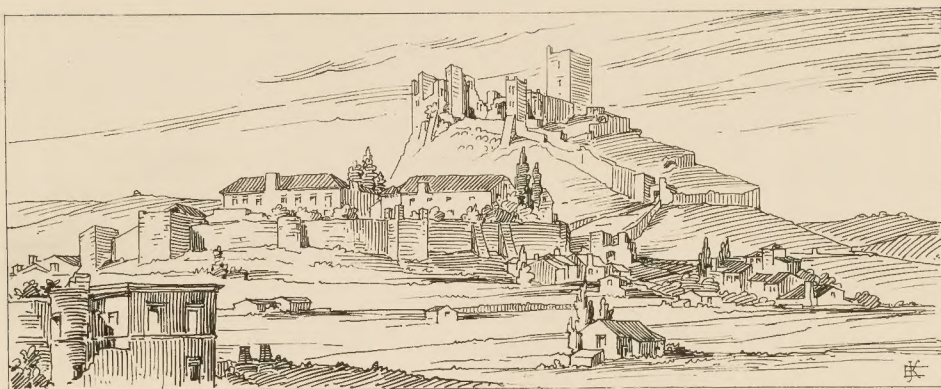
Hoje, que dois seculos e meio passaram sobre essas ruinas, cumpre-nos infelizmente verificar os desastrados effeitos de tamanha indifferença, juntando á queixa de uma tão nobre piedade patriotica o grito indignado do artista.

Foi, pois, um movimento de protesto alliado ao natural sentimento de curiosidade artistica que nos levou a iniciar estudos de investigação, que pouco a pouco nos foram acalentando a esperança de podermos reconstituir nas suas linhas geraes a traça d'aquelle edificio, que o tempo e o abandono tinham tornado de todo illegivel aos olhos dos indifferentes. Esta idéa, em consequencia de ulteriores estudos mais profundos, foi-se enraizando cada vez mais no nosso espirito a ponto de nos resolvermos a proceder a uma «reconstituição» em fórma, começando então por um rigoroso levantamento do «estado actual» da ruina.

Parecerá arrojada empreza, attendendo á falta de estudos analogos no paiz, e á ausencia de documentos graphicos sobre monumentos portuguezes da edade média, apresentar o projecto de «reconstituição» de um edificio em tão adeantado estado de ruina; tentamol-a no entanto como uma consequencia logica, dos nossos primeiros estudos que sem esse complemento simplesmente poderiam ter interesse sob o ponto de vista pittoresco.

Os que conhecem as difficuldades com que, em trabalhos d'esta natureza, se defrontam constantemente os artistas por falta de documentos sobre arte nacional acolherão com benevolencia um trabalho, que, embora deficiente, será todavia uma modesta pagina para o grande livro, apenas iniciado, da Historia da Arte Portugueza.

Leiria, julho 1897.

E. Korrodi.

Quem, chegado a Leiria, inesperadamente depára com a formosa silhouette do castello, sente-se penetrado de um vivo sentimento de admiração pelo aspecto pittoresco d'aquellas historicas ruinas. Construido no cume de um formidavel rochedo, em parte inacessivel, em cujo ponto dominante assenta a torre de menagem, estende n'uma grande area as suas muralhas reforçadas, de distancia a distancia, por torres quadrangulares.

Favorecida pela sua excepcional situação era esta praça desde remotos tempos considerada como de grande importancia para quem a dominava. Não é pois para admirar que o joven Rei D. Affonso Henriques, para melhor defeza dos territorios conquistados por seu pae, se apoderasse de um ponto tão estrategico, completando por muralhas a obra da natureza que a providencia parecia ter ahi collocado para servir de baluarte ao Portugal christão contra as repetidas ameaças dos sarracenos.

Segundo declara uma doação d'este rei, datada de 1180, foi o castello por elle fundado «em terra deserta e não habitada» no anno 1128, isto após a primeira conquista d'estes territorios por D. Affonso Henriques. Não soffre, porêm, duvida que aquelle ponto estrategico já desempenhava papel importante desde o dominio romano na peninsula, passando successivamente ás mãos dos suevos, wisigodos e mouros, até que finalmente em 1142, tendo heroicamente sustentado o sitio contra os invasores musulmanos, ficou definitivamente no poder dos portuguezes.

O castello mandado construir por D. Affonso Henriques occupava o cume do rochedo e, circundado por muralhas e torres, ligava com os muros da povoação situada n'uma collina mais baixa outr'ora banhada pelo rio e no meio da qual existia e ainda hoje se encontra a primitiva egreja matriz, ora chamada capella de S. Pedro, veneravel e curioso monumento de estylo românico, do qual n'outro logar nos occupamos mais detalhadamente.

A area da povoação primitiva, cujas muralhas e torres ainda se conservam, salvo n'uma pequena extensão ao lado sul, é hoje occupada pelo paço episcopal, e suas dependencias, como se vê pela planta a pag. V. Tinha uma porta flanqueada de torres ao lado norte, que dava sahida para o, mais tarde, chamado arrabalde da Ponte, sitio onde já no seculo XIII havia grande povoação junto dos muros; por isso lá se construiu mais tarde a egreja de S. Thiago, a qual teve a mesma sorte do mosteiro de Santa Clara em Coimbra, ficando no decorrer dos tempos completamente sumida nos terrenos de alluvião, trazidos pelo rio. Hoje já não existe d'ella vestigio algum; figura, porêm, na nossa planta por ser copia de uma outra datada do principio do seculo.

A·RVINA
VISTA DO LADO DA CIDADE

Além da referida porta deve a povoacão ter tido outra do lado sul, talvez no arco da torre da Sé, que ainda hoje é a unica passagem d'aquelle lado. Finalmente uma terceira porta ligava a povoação á fortaleza.

Devia ser esta, pelo meado do seculo XIII, a disposição do castello e povoação cujos muros de circuito, na sua maior parte ainda conservados, devem pelo plano e extensão ser os primitivos mandados levantar por D. Affonso Henriques.

No entanto, o aspecto do castello n'aquelle tempo nada tinha de commum com o que lá vemos hoje, que é o resultado de successivas obras e accrescentos de epocas posteriores. Devia ser uma simples cidadella com uma torre dominante e com habitações junto dos muros, para abrigo das tropas.

Só no fim do seculo XIV, depois de construida a alcaçova e a capella, se torna notavel o castello pelo seu interessante conjuncto de edificios do mais variado destino.

Além do palacio real, da capella e da torre de menagem com suas dependencias, abrigava, entre os seus muros, n'uma area relativamente pequena, muitas casas de habitação e cavallariças, e junto á capella, formando com esta um pequeno claustro, a residencia do vigario geral e dos ecclesiasticos. O todo era circumdado por caminhos de ronda, em parte cobertos e munidos de uma série de torres, das quaes duas serviam de entrada. Havia tres cisternas, uma ao pé do palacio junto á fachada de leste, outra perto da torre de menagem e a terceira no já referido claustro junto á capella.

É este conjuncto que nos propozémos representar tanto na planta a pag. V, como n'uma perspectiva aerea a pag. VI, para em seguida nos occuparmos detalhadamente do palacio real e da capella.

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA.

O·CASTELLO·
NA·EPOCA·DO
REI·D·IOAO·
·PRIMEIRO·
·ESTADO ACTUAL
DA RUINA·

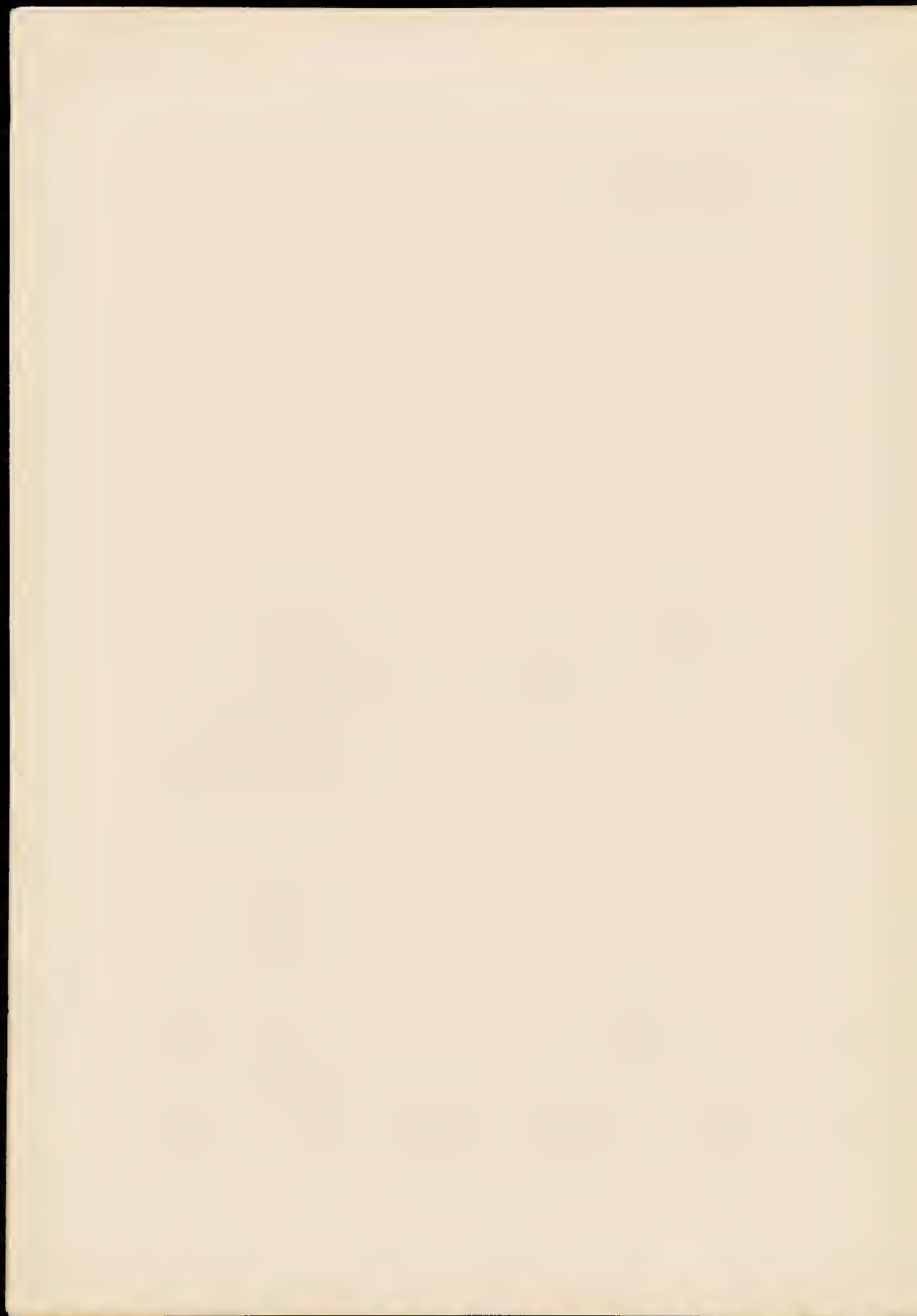
VI.

A pobreza do paiz em elementos de construcção civil medieval explica o cuidado especial e importancia que ligamos ao estudo do antigo palacio real de Leiria, um dos raros representantes da habitação nobre portugueza, conservado até aos nossos dias.

De facto, como tal se póde considerar a alcaçova do castello de Leiria, que poucos rivaes encontrará no paiz, tão regulares na construcção, tão puros de estylo e com tão elegantes fórmas architectonicas.

Construida sobre a primitiva muralha da cidadella, ergue-se n'uma extensão de 40^m a fachada do palacio, de aspecto severo e altivo. É este formado de um corpo central, ladeado de dois torreões mais elevados de um andar. Na planta representa o edificio central um rectangulo de 33^m sobre 21^m, com sub-divisões de uma regularidade pouco vulgar em construcções d'aquella epoca, o que faz crer que foi edificado todo de uma vez e segundo um determinado plano.

Effectivamente, um exame mais minucioso faz confirmar esta hypothese, pois com excepção de insignificantes modificações, como abertura de portas ou collocação de alguma chaminé, o palacio não soffreu alterações importantes posteriores ao seculo XIV.

Compõe-se o seu interior de tres pavimentos no corpo central, e de quatro nos corpos lateraes, tendo porém só os dois superiores servido de habitação nobre. As lojas e subterraneos eram occupados por cozinhas, arrecadações e guarda do palacio.

Uma escada exterior de pedra, junto ao lado noroeste do palacio dava accesso ao andar nobre, cujo centro era occupado pelo grande salão, logar onde se realisavam os festejos e recepções e onde reunia, por vezes, o conselho de Estado. É de presumir que esta sala fosse muito escassamente illuminada, por não receberem luz directa as quatro janellas que davam para a galeria que do lado sul se extendia em todo o comprimento d'ella. Esta galeria, assim como outras duas que se encontravam nos pavimentos superiores dos torreões lateraes, por causa da sua fragil construcção, infelizmente desappareceram, deixando apenas insignificantes vestigios. A pag. XVI, XVII e XVIII damos um *Croquis* do estado actual, um alçado e uma reconstrucção parcial em perspectiva da galeria central. Era esta formada por oito arcos ogivaes, sustentados por graciosas columnas e bellos capitéis geminados. Cada vão de arco abrigava junto ao parapeito dois bancos, composição cheia de caracter, de uma simplicidade de distincção de fórmas que a tornam um dos mais interessantes trechos architectonicos que temos visto.

Além d'estas galerias do grande salão e do vestibulo, o edificio continha, nos dois pavimentos considerados habitação nobre, mais dez salas de differentes dimensões, que eram os aposentos privados. Uma parte d'estas salas era munida de chaminés do typo que reproduzimos a pag. XV.

Muito ao contrario do que era de suppôr, dada a posição estrategica que occupa, e a epoca em que foi construida, a alcáçova não tem nada do aspecto bellico e sombrio que caracterisa as habitações feudaes da edade média. Em vez de muros impenetraveis cortados de sombrias frestas e coroados de caminhos de ronda, vêmos um edificio de ligeira e fragil construcção extendendo, do lado mais exposto, as suas bellas arcarias abertas, de uma maneira tão inoffensiva e despreoccupada que faz surgir serios receios pela segurança dos habitantes contra escaladas eventuaes do inimigo. Os dois alpendres que exteriormente circumdam o edificio e que serviam de abrigo ás galerias e ás janellas contra a chuva e contra o sol, só conseguem augmentar os nossos já justificados receios, visto que tornavam impossivel pela sua disposição a vigilancia e defesa do sopé das muralhas do castello. Parece que nenhuma d'estas questões preoccupou o constructor nem o futuro habitante, que longe de se aproveitarem d'aquelle lo-

gar como de um refugio deffendido, o escolheram para fazer d'elle uma vivenda aprazivel, d'onde despreoccupadamente se gosava o delicioso ponorama do rio Liz desenrolando descuidado a sua fita de prata por entre o verde esmeraldino d'aquellas extendidas campinas.

Estamos pois em presença, não de um castello mas de uma simples habitação apalaçada.

Produz mui singular impressão o aspecto exterior do palacio, devido á collocação de alpendres que lhe imprimem um cunho decididamente arabe. Não é facto para extranhar esta influencia da arte arabe em construcções, embora de caracter pronunciadamente occidental, pois não são raros os exemplos aqui na peninsula, onde a arte mourisca trabalha, em fraternal tolerancia, de braço dado com a christã, tendo principalmente na arte de carpinteria civil, até ao seculo XVI, exercido a sua influencia ou directamente ou por simples tradição.

BRAZÃO
QVE FIGVRA NA FACHADA LATER.L
DO PALACIO

Nada se sabe de positivo sobre a era da construcção. A maior parte dos escriptores e archeologos attribuem a sua fundação a D. Diniz, mas achamos que esta supposição apenas se funda na existencia de uma inscripção que existe na porta da Torre de Menagem e que se refere á fundação d'esta parte da fortaleza, que effectivamente foi erigida pelo dito rei, o que porém nada prova com respeito á edificação da alcaçova.

Os seus detalhes architectonicos comparados com os de outras edificações datadas do reinado de D. Diniz como, por exemplo, o claustro d'Alcobaça, levam-nos a attribuir a construcção á segunda metade do seculo XIV e portanto á era de D. Fernando ou mesmo D. João I.

Poderá, é verdade, a fórma das arcadas, illudir á primeira impressão pelo seu aspecto muito romanico, mas esta duvida não subsiste depois de um exame mais minucioso das ornamentações e perfis, e principalmente se nos recordamos como em Portugal certas fórmas architectonicas se conservam com singular tenacidade atravez dos seculos, sem se influenciarem quasi nada da successiva transformação que soffre a arte de construir em outras regiões da Europa. A arcada de columnata dupla, de capiteis e bases geminadas, por exemplo, não só a encontramos sob a fórma ogival até ao meiado do seculo XV, como o prova o claustro do cemiterio do convento dos Templarios de Thomar, mas apparece quasi na sua fórma originaria romanica, para espanto dos archeologos, em plena «renascença», no convento de S. Francisco de Alemquer.

É muito provavel que os tão fallados paços de D. Diniz e D. Izabel tenham sido situados nas proximidades da capella de S. Pedro e desapparecessem por occasião da construcção do paço episcopal no seculo XVII.

Seja, porém, como fôr, muito seria para desejar que este ponto se esclarecesse, pois embora tenha reputado valor artistico, uma antiguidade sempre desperta muito maior interesse quando a ella vemos ligados determinados factos historicos.

ESTVDOS· DE RECONSTRVCÇAC
FALACIO REAL
GOTHICO·DO·SECVLO·
XIV·
(·RECONSTRVCCAO·)
VISTA·GEOMETRICA
·DA FACHADA·
0 1 2 3 4 5
ESCALA. METROS

X.

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

XII.

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

XIII.

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

XIV.

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA.

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA.

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

XVIII.

De entre as ruinas que constituem o antigo castello real sobresae de uma maneira brilhante a *silhouette* da sua velha capella da invocação de N.ª S.ª da Pena. Exemplo encantador de architectura medieval, seduz não só pela sua extraordinaria elegancia e incomparaveis proporções, como tambem por uma rara pureza de estylo e simplicidade de fórmas que a tornam, sob todos os pontos de vista, digna de estudo.

Á capella, para a qual se entra por um bem proporcionado portico, dava n'outros tempos accesso um alpendre* de madeira, sustentado por uma graciosa arcada ogival de columnas geminadas. D'este alpendre existem hoje apenas os vestigios indispensaveis para podermos conseguir represental-o na sua fórma primitiva.

O interior da capella compõe-se de uma unica nave, primitivamente coberta por um tecto em fórma de tumba, com o madeiramento apparente, decorado com as armas e divisa do fundador.* Termina a nave por uma abside de fórma polygonal cujas paredes lateraes encerram dois tumulos. De uma extrema simplicidade, escassamente illuminada por uma esguias frestas, mas imponente pelo seu esplendido apparelho de cantaria, contrasta a nave da egreja, do modo mais feliz, com a capella-mór banhada de luz e rica de fórmas architectonicas. Existe o mesmo contraste no exterior, não sendo, todavia, tão frisante, por a pobreza da fachada ser compensada pelo trecho do portico.

A capella-mór, rasgada de cinco janellas, amparada por quatro bem proporcionados gigantes e coroada por

* *Diz o «Couseiro» nas memorias do bispado de Leiria: «no forro do alpendre na tarja, está sobre a porta da egreja um letreiro em roda, que já não se póde ler, etc.»*

* *«Mandou-a fazer el-rei D. João I, e por isso na «capella-mór e nas linhas e forro da egreja está a sua «divisa e no côro as suas armas. Tinha vidraças pinta- «das, que mandou fazer D. Manoel, e em uma, da parte «do Evangelho, estavam as suas armas, e um letreiro que «dizia: El-rei D. Manoel as mandou fazer. E porque d'elle «se não podiam lêr mais, e estavam já quasi desfeitas, «se mandaram fazer de novo pela fabrica da Sé.»*

uma simples e caracteristica balaustrada, contribue notavelmente para tornar este pequeno monumento uma obra-prima de architectura gothica.

Se os documentos historicos nos não illucidassem ácerca da epoca em que foi construida* não seria todavia difficil averigual-a, porquanto basta um ligeiro estudo comparativo com as fórmas architectonicas do Monumento da Batalha, para se ficar certo da sua origem

Effectivamente, a parte absidal da capella do castello é pouco mais ou menos copia de uma das absidioles da egreja da Batalha.

Já na sua planta, como na fórma e disposição das suas janellas, já nas secções das suas molduras, encontramos a mais completa identidade de escola, que se revela não menos na parte propriamente esculptural.

Esta hypothese, que difficil seria contestar, mesmo que não existissem os documentos que mais tarde nol-a vieram confirmar, explica tambem a significação d'uma lettra que figura no fecho da abobada, e nos brazões e capiteis do exterior da capella e cuja reproducção aqui damos em desenho.

Esta inicial é sem duvida o mesmo Y grego que figura nas moedas cunhadas durante o reinado de D. João I.

Modificada e mutilada em diversas epocas, esta capella foi assim perdendo pouco a pouco o seu aspecto primitivo. D. Manoel construiu uma sachristia* junto da capella-mór, na qual abriu uma porta de communicação, amputando n'esta occasião uma das columnas pilastras que supportam os arcos ogivaes da abobada, alteração, porêm, que foi muito habilmente disfarçada.

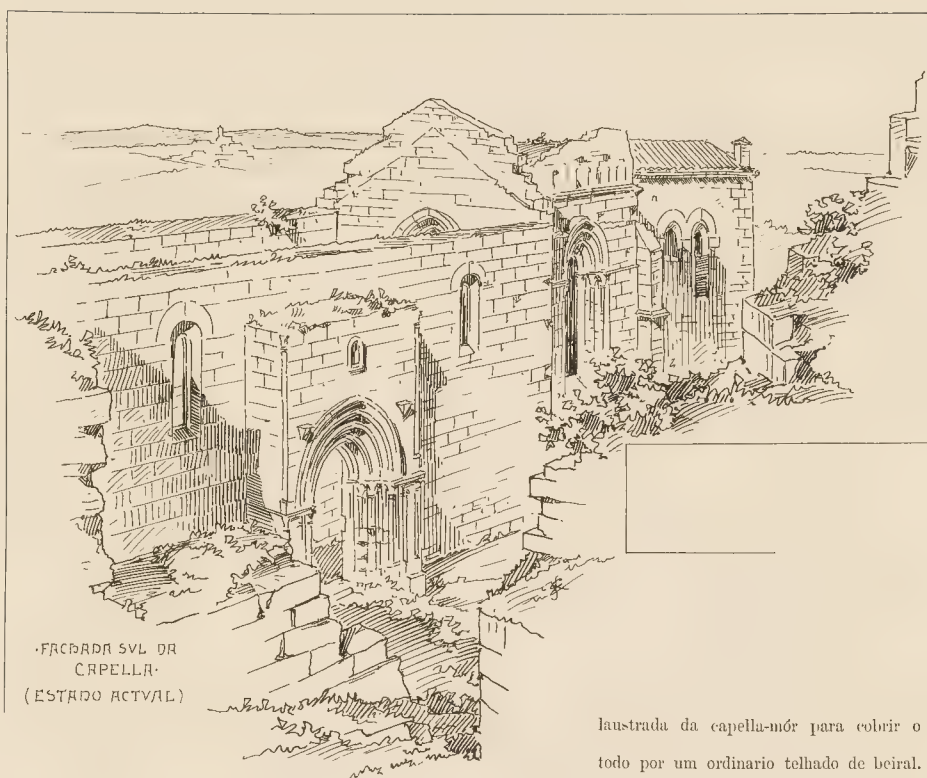
---

* *«Foi a primeira (do Couseiro) que houve n'esta «povoação, teve sempre o nome de matriz e era a freguezia emquanto não houve outra egreja.*

«E supposto que é o mesmo sitio o da egreja presente que o da primeira, comtudo não é esta a mesma «que fez o dito rei D. Affonso Henriques que era mais «pequena e de differente feitio. Esta presente mandou «fazer el-rei D. João I.»

Com referencia ao mobiliario da capella, diz o mesmo interessante documento «que o retabulo ou altar primitivo ardeu em 1517, sendo substituido por outro, composto de quatro paineis e muitas figuras. Este segundo igualmente ardeu em 1620, salvando-se comtudo os paineis de pintura, que representam a Annunciação, Visitação, S. Baptista e S. João Evangelista. Quanto aos sinos da egreja diz «que na torre communmente chamada das chagas havia 4 sinos dos quaes um que ainda lá está.» Esta torre que tambem servia de entrada para o castello é a que se vê nos diversos desenhos junto á capella-mór.

* *«tambem é obra do mesmo rei (D Manuel) a sachristia, no tecto da qual está a sua divisa na abobada. (do Couseiro).*

·FACHADA SVL DA CAPELLA· (ESTADO ACTVAL)

D'esta sachristia existem hoje apenas os quatro muros, deixando ainda perceber a fórma da abobada que a cobria em tempo.

Mais tarde, talvez no seculo XVII, para estabelecer um côro no topo da igreja, foi consideravelmente prolongada a nave. Successivas renovações na cobertura da capella alteraram inteiramente a sua disposição primitiva, chegando-se até a tapar e mutilar a bella balaustrada da capella-mór para cobrir o todo por um ordinario telhado de beiral. Finalmente, para collocar um altar, taparam as tres janellas centraes da abside e para compensar esta perda de luz amputaram ás janellas lateraes o pinasio, com o que perderam muito da sua elegancia.

Todavia as suas primitivas linhas não foram de tal forma adulteradas, nem o seu estado de depredação é tão adiantado que já não valha a pena salvar da ruina um documento que, alem de historico, é altamente importante para o estudo da arte portugueza.

MOEDA DO REINADO DE D. JOÃO I.

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA.

CORTE TRANSVERSAL
PELO EIXO DAS JANELLAS LATERAES
DA CAPELLA MOR·

ESTUDOS DE RECONSTRUCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

XXVI.

Apezar d'este interessante monumento da idade média não pertencer propriamente ao castello, entendemos, não só pela sua situação dentro do recinto fortificado, como pela sua antiguidade e especial valor archeologico, dever comprehendel-o n'este trabalho. Demais, como o nosso collega e distincto architecto Sr. Julio Cesar Bizarro tivesse em tempos procedido a estudos de «restauração» d'esta igreja, e nol-os facultasse, ficámos, em vista dos apontamentos já anteriormente por nós colhidos sobre o mesmo assumpto, habilitados a apresentar um trabalho completo. Áquelle nosso presado amigo enderaçamos aqui a expressão do nosso vivo reconhecimento por tão especial obsequio.

Nada consta ao certo * da fundação da egreja, mas é de presumir que haja sido construida no meado do seculo XII, depois de retomado o castello por D. Affonso Henriques, após a ultima e memoravel invasão dos mouros em 1140. Segundo o «Couseiro» era a segunda egreja que se construiu na povoação, mas uma doação do rei datada de 1180 * ainda falla só de uma egreja, d'onde se deve concluir que esta ainda não existia, o que é pouco provavel.

Pelas suas fórmas do mais puro estylo romanico deve a edificação da egreja de S. Pedro ser contemporanea dos monumentos da escola romanica de Coimbra.

Tanto o plano (abstrahindo do principio constructivo seguido na cobertura da nave) como as linhas geraes do portico assemelham-se até extraordinaria-

---

* *A igreja de S. Pedro, que está junto aos paços episcopaes, foi a segunda que se fez n'esta povoação, mas não consta o anno.*

* *Dou ao mosteiro de Santa Cruz a igreja d'este castello como quantas mais no mesmo castello e seu termo se forem edificando.*

«Havia dois sinos na torre, mas tudo se deu para a nova Sé.» (*Couseiro*).

mente aos da antiga egreja de S. Christovão que existia n'aquella cidade, e que foi construida na opinião do auctorisado archeologo A. F. Simões na mesma epoca em que o foi a Sé, na primeira metade, portanto, do seculo XII.

Como esta, a de S. Pedro tem capella-mór terminada em fórma semicircular, embora não accusada no exterior e é flanqueada de capellas. Tem, porém, apenas uma só nave e esta coberta por um tecto de madeira.

A capella-mór, como nas basilicas latinas, termina em fórma de concha e fecha em abobada de berço assim como as capellas lateraes.

São cheias de originalidade todas as esculpturas, e embora em parte já muito deterioradas pelo tempo ou mutiladas, demonstram com evidencia a mão de mestre.

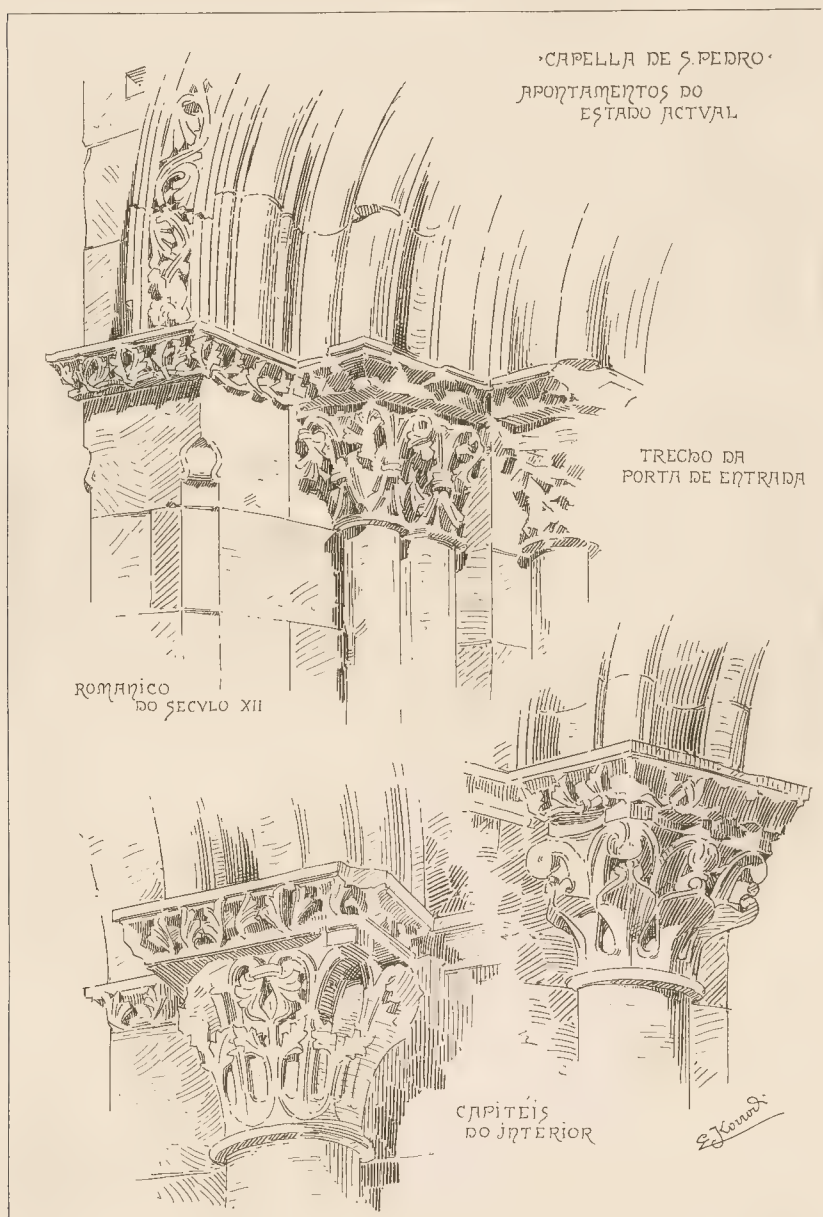
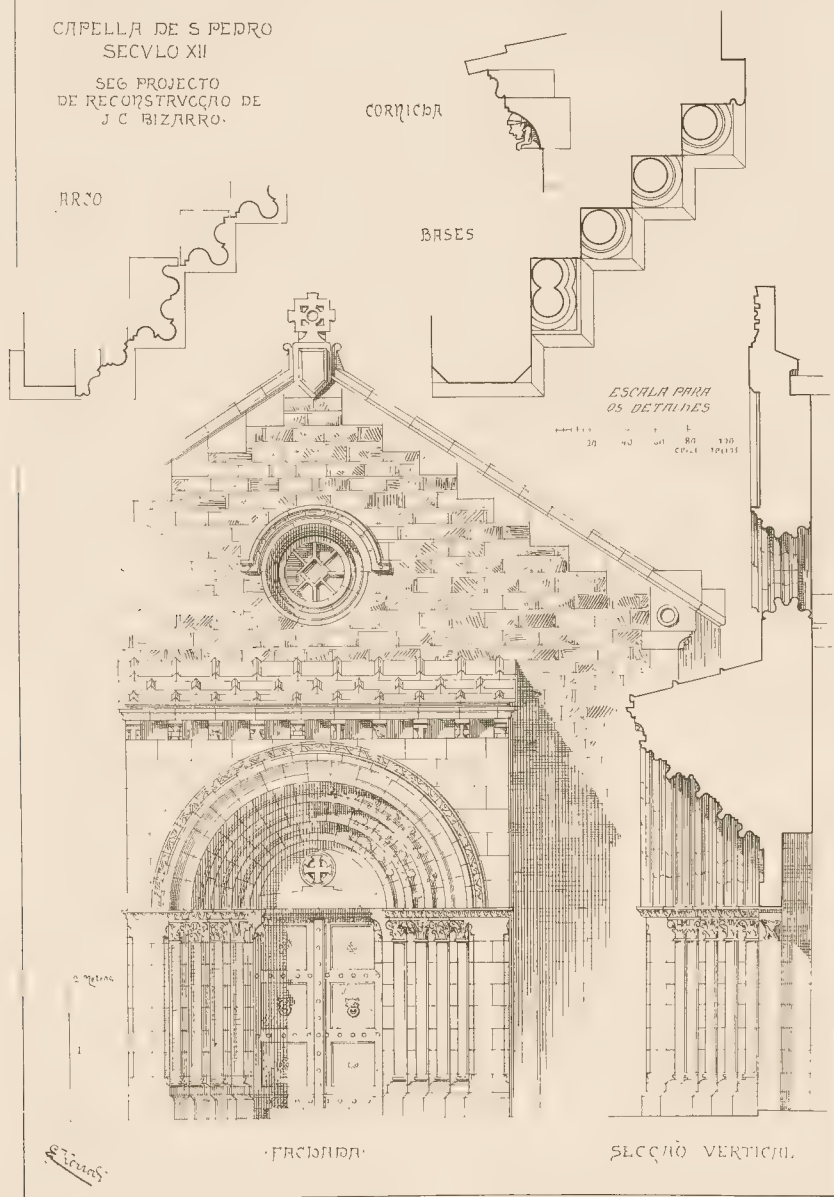
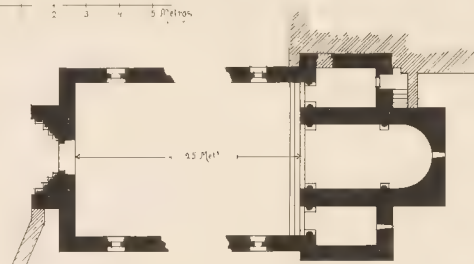
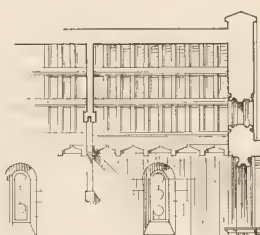
O mesmo se póde dizer com respeito á cornija que corôa o exterior das absides e que é sustentada por uma bella collecção de cachorros da mais variada e original composição, sufficiente para dar uma prova da inexgotavel phantasia dos artistas d'aquella epoca.

Reproduzimos em desenho alguns d'estes cachorros, assim como os typos mais caracteristicos dos capiteis do interior e um trecho do portico da entrada. Por elles se vê que não são inferiores em composição e execução aos trabalhos esculpturaes dos monumentos romanicos de Coimbra.

A egreja já não conserva no todo o seu aspecto primitivo. No seculo passado rasgaram uma serie de janellas nos muros lateraes e uma na fachada, em substituição, naturalmente, das primitivas frestas e da respectiva rosacea, que, fornecendo á nave apenas a luz indispensavel, davam ao interior um ar severo e mysterioso. Na mesma occasião foi renovada a cobertura da nave, cujo aspecto e disposição primitiva nós tentamos reproduzir em perspectiva, segundo o interessante projecto de «restauração» do Sr. J. C. Bizarro.

Tambem desappareceu por completo a torre de sinos a que se refere o «Couseiro».

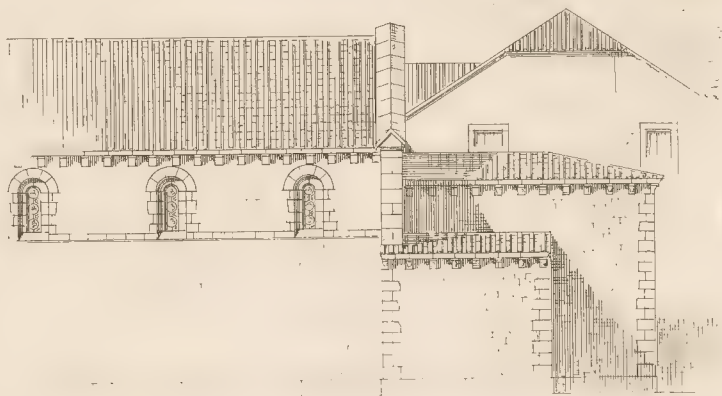
Ha muito que não serve ao culto este veneravel monumento, que depois de ter sido transformado em theatro, foi mais tarde dado de arrendamento pela fazenda nacional a um particular, descendo á triste categoria de armazem de trapos e madeiras.

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

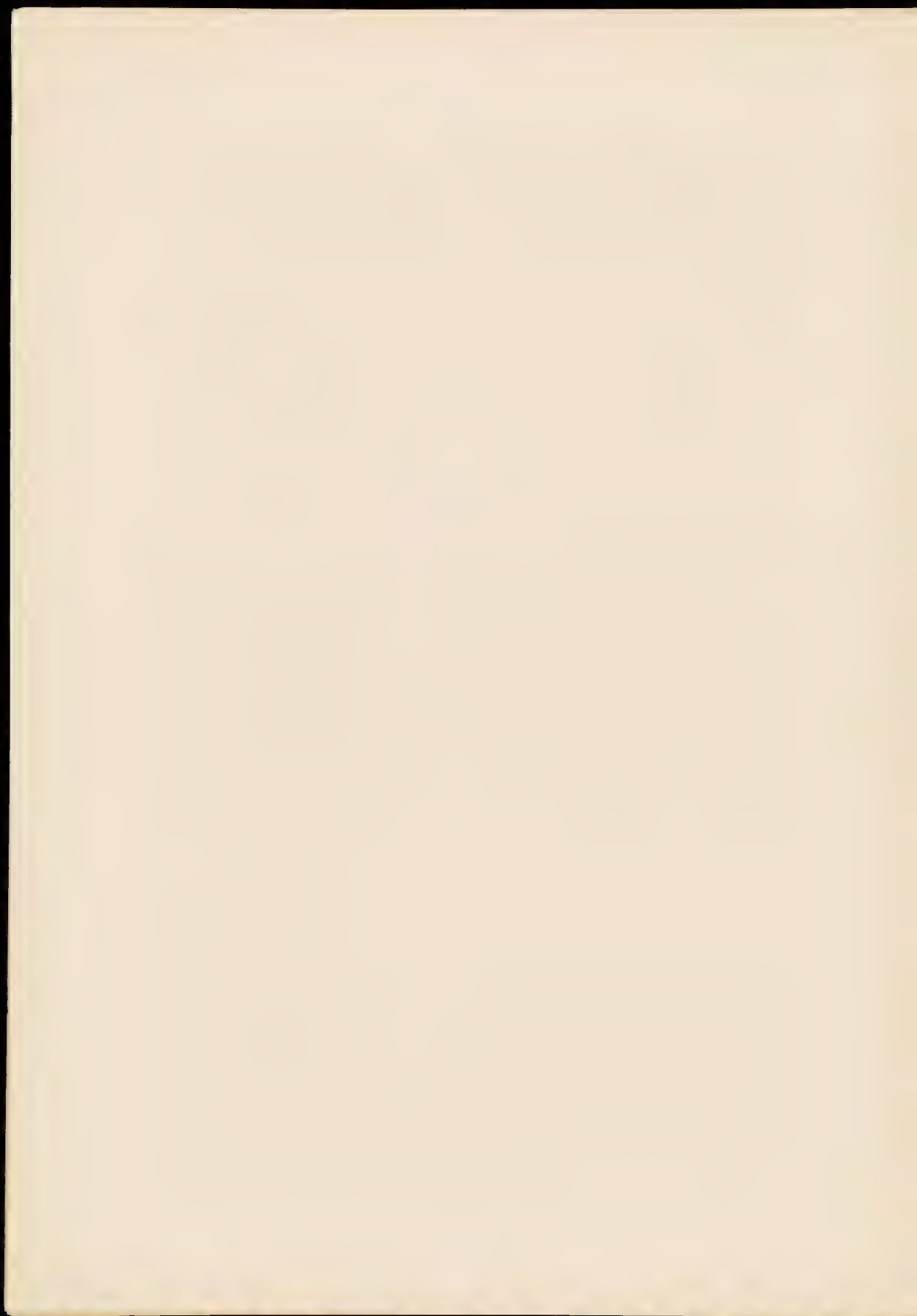
ESTVDOS DE RECONSTRVCÇÃO SOBRE CASTELLO DE LEIRIA

XXXI

ESTUDOS DE RECONSTRUCCÃO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

·FRENTE DA ABSIDE·

·VISTA LATERAL DA ABSIDE·

XXXIII.

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

ESTVDOS DE RECONSTRVCCAO SOBRE O CASTELLO DE LEIRIA

O JNTERIOR · DA · CAPELLA
DE S. PEDRO · EM · LEIRIA
SEG · VM · PROJECTO · DE · RE-
STAVRACAO · DO ARCHITECTO
J. C. BIZARRO ·

XXXV.